

Questões de raciocínio lógico – Aula 2

Emerson Marcos Furtado*

* Mestre em Métodos Numéricos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Licenciado em Matemática pela UFPR. Professor de Ensino Médio de colégios nos estados do Paraná e Santa Catarina desde 1992; professor do Curso Positivo de Curitiba desde 1996; professor da Universidade Positivo, de 2000 a 2005; autor de livros didáticos destinados a concursos públicos, nas áreas de Matemática, Matemática Financeira, Raciocínio Lógico e Estatística; sócio-diretor do Instituto de Pesquisas e Projetos Educacionais Práxis, de 2003 a 2007; sócio-professor do Colégio Positivo de Joinville desde 2006; sócio-diretor da empresa Teorema – Produção de Materiais Didáticos Ltda. desde 2005; autor de material didático para o Sistema de Ensino do Grupo Positivo, de 2005 a 2009; professor do CEC – Concursos e Editora de Curitiba, desde 1992, lecionando as disciplinas de Raciocínio Lógico, Estatística, Matemática e Matemática Financeira; consultor da empresa Result – Consultoria em Avaliação de Curitiba, de 1998 a 2000; consultor em Estatística Aplicada com projetos de pesquisa desenvolvidos nas áreas socioeconômica, de qualidade, educacional, industrial e eleições desde 1999; membro do Instituto de Promoção de Capacitação e Desenvolvimento (IPROCADE) desde 2008; autor de questões para concursos públicos no estado do Paraná desde 2003.

Tópicos abordados:

■ Lógica da argumentação

■ Diagramas lógicos

- (ESAF-adap.) Pedro toca piano se e somente se Vítor toca violino. Ora, Vítor toca violino, ou Pedro toca piano. Logo:
 - Pedro toca piano, e Vítor não toca violino.
 - se Pedro toca piano, então Vítor não toca violino.
 - se Pedro não toca piano, então Vítor toca violino.
 - Pedro não toca piano, e Vítor toca violino.
 - Pedro não toca piano, e Vítor não toca violino.
- (ESAF) Das premissas: Nenhum **A** é **B**. Alguns **C** são **B**, segue, necessariamente, que:
 - nenhum A é C.
 - alguns A são C.
 - alguns C são A.
 - alguns C não são A.
 - nenhum C é A.
- (CESPE/UnB-adap.) Texto para as próximas quatro questões:

$P \vee Q$	$P \vee Q$	$P \rightarrow Q$	$P \rightarrow Q$
$\neg P$	$\neg Q$	P	$\neg Q$
Q	P	Q	$\neg P$
I	II	III	IV

As letras **P**, **Q** e **R** representam proposições, e os esquemas acima representam quatro formas de dedução, nas quais, a partir das duas premissas (proposições acima da linha tracejada), deduz-se a conclusão (proposição abaixo da linha tracejada). Os símbolos “ \neg ” e “ \rightarrow ” são operadores lógicos que significam, respectivamente, **não** e **então**, e a definição de \vee é dada na seguinte tabela verdade.

P	Q	$P \vee Q$
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Considerando as informações acima e as do texto, julgue os itens que seguem, quanto à forma de dedução.

- a) () Considere a seguinte argumentação: se juízes fossem deuses, então juízes não cometeriam erros. Juízes cometem erros. Portanto, juízes não são deuses. Essa é uma dedução da forma IV.
- b) () Considere a seguinte dedução: de acordo com a acusação, o réu roubou um carro ou roubou uma motocicleta. O réu roubou um carro. Portanto, o réu não roubou uma motocicleta. Essa é uma dedução da forma II.
- c) () Dadas as premissas $P \rightarrow Q$; $\neg Q$; $R \rightarrow P$, é possível fazer uma dedução de $\neg R$ usando-se a forma de dedução IV.
- d) () Na forma de dedução I, tem-se que a conclusão será verdadeira sempre que as duas premissas forem verdadeiras.
4. (ESAF) Quem não fuma economiza dinheiro. Nenhum vegetariano fuma. Logo:
- a) quem fuma não economiza dinheiro.
- b) quem economiza dinheiro é vegetariano.
- c) todo vegetariano economiza dinheiro.
- d) nenhum vegetariano economiza dinheiro.
- e) algum vegetariano não economiza dinheiro.
5. (Cesgranrio) Se Lauro sair cedo do trabalho, então jantará com Lúcia. Se Lúcia janta com Lauro, então não come na manhã seguinte. Sabendo-se que, essa manhã, Lúcia comeu, conclui-se que:

- a) Lúcia jantou na noite anterior.
 - b) Lúcia jantará esta noite.
 - c) Lauro jantou na noite anterior.
 - d) Lauro saiu cedo do trabalho.
 - e) Lauro não saiu cedo do trabalho.
6. (ESAF) Márcia não é magra ou Renata é ruiva. Beatriz é bailarina ou Renata não é ruiva. Renata não é ruiva ou Beatriz não é bailarina. Se Beatriz não é bailarina, então Márcia é magra. Assim:
- a) Márcia não é magra, Renata não é ruiva, Beatriz é bailarina.
 - b) Márcia é magra, Renata não é ruiva, Beatriz é bailarina.
 - c) Márcia é magra, Renata não é ruiva, Beatriz não é bailarina.
 - d) Márcia não é magra, Renata é ruiva, Beatriz é bailarina.
 - e) Márcia não é magra, Renata é ruiva, Beatriz não é bailarina.
7. (ESAF) Se **X** está contido em **Y**, então **X** está contido em **Z**. Se **X** está contido em **P**, então **X** está contido em **T**. Se **X** não está contido em **Y**, então **X** está contido em **P**. Ora, **X** não está contido em **T**. Logo:
- a) Z está contido em T e Y está contido em X.
 - b) X está contido em Y e X não está contido em Z.
 - c) X está contido em Z e X não está contido em Y.
 - d) Y está contido em T e X está contido em Z.
 - e) X não está contido em P e X está contido em Y.
8. (ESAF) Ana é artista ou Carlos é compositor. Se Mauro gosta de música, então Flávia não é fotógrafa. Se Flávia não é fotógrafa, então Carlos não é compositor. Ana não é artista e Daniela não fuma. Pode-se, então, concluir corretamente que:
- a) Ana não é artista e Carlos não é compositor.
 - b) Carlos é compositor e Flávia é fotógrafa.
 - c) Mauro gosta de música e Daniela não fuma.

- d) Ana não é artista e Mauro gosta de música.
- e) Mauro não gosta de música e Flávia não é fotógrafa.
9. (ESAF) Ana é prima de Bia, ou Carlos é filho de Pedro. Se Jorge é irmão de Maria, então Breno não é neto de Beto. Se Carlos é filho de Pedro, então Breno é neto de Beto. Ora, Jorge é irmão de Maria. Logo:
- a) Carlos é filho de Pedro ou Breno é neto de Beto.
- b) Breno é neto de Beto e Ana é prima de Bia.
- c) Ana não é prima de Bia e Carlos é filho de Pedro.
- d) Jorge é irmão de Maria e Breno é neto de Beto.
- e) Ana é prima de Bia e Carlos não é filho de Pedro.
10. (ESAF) Homero não é honesto, ou Júlio é justo. Homero é honesto, ou Júlio é justo, ou Beto é bondoso. Beto é bondoso, ou Júlio não é justo. Beto não é bondoso, ou Homero é honesto. Logo:
- a) Beto é bondoso, Homero é honesto, Júlio não é justo.
- b) Beto não é bondoso, Homero é honesto, Júlio não é justo.
- c) Beto é bondoso, Homero é honesto, Júlio é justo.
- d) Beto não é bondoso, Homero não é honesto, Júlio não é justo.
- e) Beto não é bondoso, Homero é honesto, Júlio é justo.
11. (FCC) Algum **A** é **B**. Todo **A** é **C**. Logo:
- a) algum D é A.
- b) todo B é C.
- c) todo C é A.
- d) todo B é A.
- e) algum B é C.
12. (ESAF) Se o anão foge do tigre, então o tigre é feroz. Se o tigre é feroz, então o rei fica no castelo. Se o rei fica no castelo, então a rainha briga com o rei. Ora, a rainha não briga com o rei. Logo:

- a) o rei não fica no castelo e o anão não foge do tigre.
 - b) o rei fica no castelo e o tigre é feroz.
 - c) o rei não fica no castelo e o tigre é feroz.
 - d) o tigre é feroz e o anão foge do tigre.
 - e) o tigre não é feroz e o anão foge do tigre.
13. (ESAF) Surfo ou estudo. Fumo ou não surfo. Velejo ou não estudo. Ora, não velejo. Assim:
- a) estudo e fumo.
 - b) não fumo e surfo.
 - c) não velejo e não fumo.
 - d) estudo e não fumo.
 - e) fumo e surfo.
14. (ESAF) Sabe-se que existe pelo menos um **A** que é **B**. Sabe-se, também, que todo **B** é **C**. Segue-se, portanto, necessariamente que:
- a) todo C é B.
 - b) todo C é A.
 - c) algum A é C.
 - d) nada que não seja C é A.
 - e) algum A não é C.
15. (ESAF) Se não leio, não compreendo. Se jogo, não leio. Se não desisto, compreendo. Se é feriado, não desisto. Então:
- a) se jogo, não é feriado.
 - b) se não jogo, é feriado.
 - c) se é feriado, não leio.
 - d) se não é feriado, leio.
 - e) se é feriado, jogo.

16. (ESAF) Se é verdade que “Alguns escritores são poetas” e que “Nenhum músico é poeta”, então, também é necessariamente verdade que:

- a) nenhum músico é escritor.
- b) algum escritor é músico.
- c) algum músico é escritor.
- d) algum escritor não é músico.
- e) nenhum escritor é músico.

17. (ESAF) Uma professora de matemática faz as três seguintes afirmações:

- “ $X > Q$ e $Z < Y$ ”;
- “ $X > Y$ e $Q > Y$, se e somente se $Y > Z$ ”;
- “ $R \neq Q$, se e somente se $Y = X$ ”.

Sabendo-se que todas as afirmações da professora são verdadeiras, conclui-se corretamente que:

- a) $X > Y > Q > Z$.
- b) $X > R > Y > Z$.
- c) $Z < Y < X < R$.
- d) $X > Q > Z > R$.
- e) $Q < X < Z < Y$.

18. (ESAF) Considere as seguintes premissas (em que X , Y , Z e P são conjuntos não vazios):

- **Premissa 1:** “ X está contido em Y e em Z , ou X está contido em P ”.
- **Premissa 2:** “ X não está contido em P ”.

Pode-se, então, concluir que, necessariamente:

- a) Y está contido em Z .
- b) X está contido em Z .

- c) Y está contido em Z ou em P.
- d) X não está contido nem em P nem em Y.
- e) X não está contido nem em Y e nem em Z.
19. (ESAF) Ou $A = B$, ou $B = C$, mas não ambos. Se $B = D$, então $A = D$. Ora, $B = D$. Logo:
- a) $B \neq C$.
- b) $B \neq A$.
- c) $C = A$.
- d) $C = D$.
- e) $D \neq A$.

20. (CESPE/UnB)

- **A Justiça é perfeita.**
- **A lei foi feita pelo homem.**
- **Toda obra humana é imperfeita.**
- **Logo: a lei é injusta.**

Com base nas assertivas que fazem parte do argumento apresentado acima, julgue os itens subsequentes:

1. () A “lei foi feita pelo homem” é uma premissa desse argumento.
 2. () A “lei é injusta” é a conclusão desse argumento.
 3. () Trata-se de exemplo de argumento válido.
21. (CESPE/UnB) A lógica proposicional trata das proposições que podem ser interpretadas como verdadeiras (V) ou falsas (F). Para as proposições (ou fórmulas) **P** e **Q**, duas operações básicas, “ \neg ” e “ \rightarrow ”, podem ser definidas de acordo com as tabelas de interpretação a seguir.

P	$\neg P$
V	F
F	V

P	Q	$P \rightarrow Q$
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Com base nessas operações, novas proposições podem ser construídas.

Uma argumentação é uma sequência finita de proposições. Uma argumentação é válida sempre que a veracidade (V) de suas ($n - 1$) premissas acarreta a veracidade de sua n -ésima – e última – proposição. Com relação a esses conceitos, julgue os dois itens a seguir:

1. () A sequência de proposições:

- Se existem tantos números racionais quanto números irracionais, então o conjunto dos números irracionais é infinito.
- O conjunto dos números irracionais é infinito.
- Existem tantos números racionais quanto números irracionais.

é uma argumentação da forma:

- $P \rightarrow Q$
- Q
- P

2. () A argumentação:

- Se lógica é fácil, então Sócrates foi mico de circo.
- Lógica não é fácil.
- Sócrates não foi mico de circo.

é válida e tem a forma:

- $P \rightarrow Q$
- $\neg P$
- $\neg Q$

22. (FCC) Considere os argumentos abaixo:

Argumento	Premissas	Conclusão
I	$a, a \rightarrow b$	b
II	$\sim a, a \rightarrow b$	$\sim b$
III	$\sim b, a \rightarrow b$	$\sim a$
IV	$b, a \rightarrow b$	a

Indicando-se os argumentos legítimos por **L** e os ilegítimos por **I**, obtêm-se na ordem dada:

- a) L, I, L, I.
- b) I, L, I, L.
- c) I, I, I, I.
- d) L, L, I, L.
- e) L, L, L, L.

23. (FCC) Considere que as sentenças abaixo são verdadeiras.

- **Se a temperatura está abaixo de 5°C, há neveiro.**
- **Se há neveiro, os aviões não decolam.**

Assim sendo, também é verdadeira a sentença:

- a) se não há neveiro, os aviões decolam.
- b) se não há neveiro, a temperatura está igual ou acima de 5°C.
- c) se os aviões não decolam, então há neveiro.
- d) se há neveiro, então a temperatura está abaixo de 5°C.
- e) se a temperatura está igual a ou acima de 5°C, os aviões decolam.

24. (FCC) Se todos os nossos atos têm causa, então não há atos livres. Se não há atos livres, então todos os nossos atos têm causa. Logo:

- a) alguns atos não têm causa se não há atos livres.
- b) todos os nossos atos têm causa se e somente se há atos livres.

- c) todos os nossos atos têm causa se e somente se não há atos livres.
- d) todos os nossos atos não têm causa se e somente se não há atos livres.
- e) alguns atos são livres se e somente se todos os nossos atos têm causa.

Gabarito

1. C

Sejam as proposições:

- **p: Pedro toca piano.**
- **q: Vítor toca violino.**

As premissas do argumento têm a seguinte forma:

- **Pedro toca piano se e somente se Vítor toca violino: $p \leftrightarrow q$.**
- **Vítor toca violino ou Pedro toca piano: $q \vee p$.**

Como a suposição é de que as premissas de qualquer argumento são verdadeiras, temos:

- **$p \leftrightarrow q$ é verdadeira.**

Nesse caso, p e q têm o mesmo valor lógico, ou seja, ou ambas são verdadeiras ou ambas são falsas.

- **$q \vee p$ é verdadeira.**

A premissa é verdadeira quando pelo menos uma das proposições é verdadeira.

Observe que se ambas proposições fossem falsas, $p \leftrightarrow q$ seria verdadeira, mas $q \vee p$ seria falsa. Como a premissa ($p \leftrightarrow q$) não pode ser falsa, necessariamente, ambas proposições são verdadeiras.

Logo:

- **p: Pedro toca piano (verdadeira).**
- **q: Vítor toca violino (verdadeira).**

Analisando a tabela verdade abaixo, podemos concluir que:

p	q	\wedge	\rightarrow
V	V	V	V
V	F	F	F
F	V	F	V
F	F	F	V

a) $p \wedge \sim q$

Se p é verdadeira e $\sim q$ é falsa, então $p \wedge \sim q$ é falsa.

O argumento é inválido com essa conclusão.

b) $p \rightarrow \sim q$

Se p é verdadeira e $\sim q$ é falsa, então $p \rightarrow \sim q$ é falsa.

O argumento é inválido com essa conclusão.

c) $\sim p \rightarrow q$

Se $\sim p$ é falsa e q é verdadeira, então $\sim p \rightarrow q$ é verdadeira.

O argumento é válido com essa conclusão.

d) $\sim p \wedge q$

Se $\sim p$ é falsa e q é verdadeira, então $\sim p \wedge q$ é falsa.

O argumento é inválido com essa conclusão.

e) $\sim p \wedge \sim q$

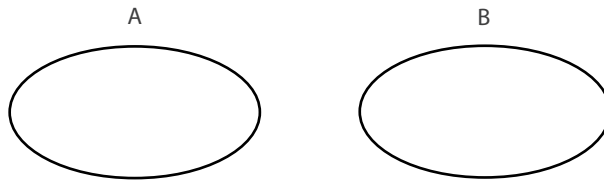
Se $\sim p$ é falsa e q é falsa, então $\sim p \wedge \sim q$ é falsa.

O argumento é inválido com essa conclusão.

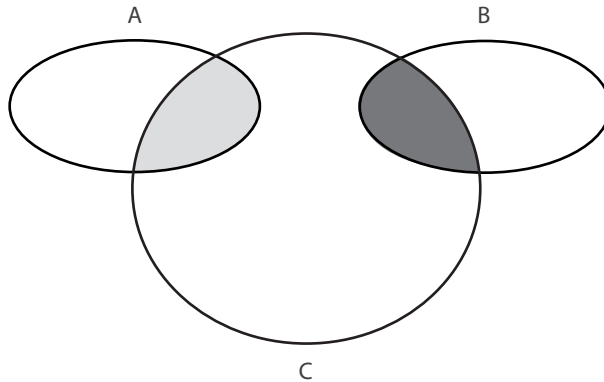
Logo: a única conclusão verdadeira é a da alternativa C.

2. D

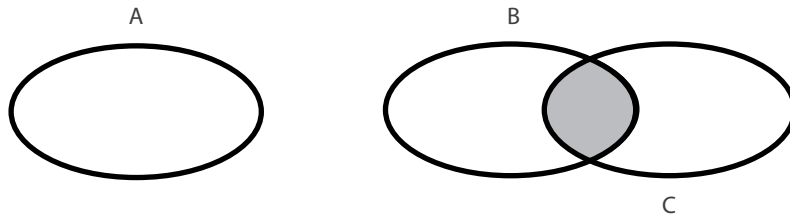
Da premissa “nenhum A é B” podemos construir diagramas com a seguinte relação entre os conjuntos A e B:



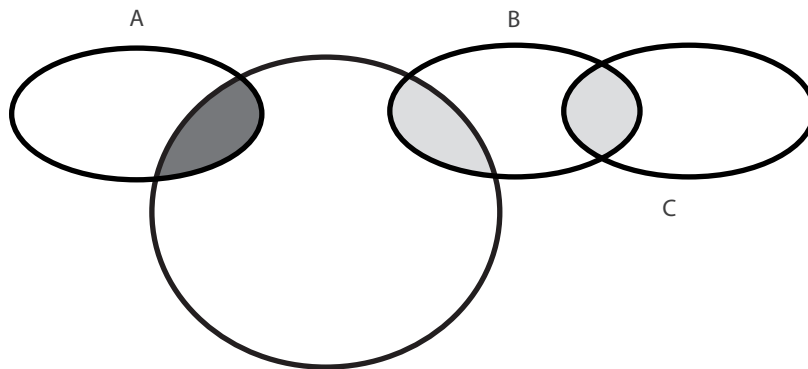
Da premissa “alguns C são B”, podemos ilustrar a relação entre os conjuntos A, B e C:



Pelos diagramas “alguns C são B”, entretanto, nenhuma premissa indica que alguns A são C, da mesma forma que nenhuma premissa indica que alguns A não são C.



Assim, pode ocorrer de alguns A serem C ou pode ocorrer de nenhum A ser C. Ou seja, não é possível se conhecer a posição exata do conjunto C.



Vamos agora analisar as alternativas:

a) nenhum A é C.

Essa conclusão não é necessariamente verdadeira, pois pode ocorrer de alguns A serem C.

b) alguns A são C.

Essa conclusão não é necessariamente verdadeira, pois pode ocorrer de nenhum A ser C.

c) alguns C são A.

Essa conclusão não é necessariamente verdadeira, pois pode ocorrer de nenhum C ser A. Observe também que essa conclusão é equivalente à da alternativa b.

d) alguns C não são A.

Essa conclusão é necessariamente verdadeira, independentemente da ilustração que se construa.

e) nenhum C é A.

Essa conclusão não é necessariamente verdadeira, pois pode ocorrer de alguns C serem A. Observe também que essa conclusão é equivalente à da alternativa a.

3.

a) C

Proposições:

- **D: juízes fossem deuses.**
- **¬E: juízes não cometem erros.**

Premissa 1: **D** → **¬E**.

Se juízes fossem deuses, então juízes não cometeriam erros.

Premissa 2: **E**.

Juízes cometem erros.

Conclusão: **¬D**.

Juízes não são deuses.

Forma de dedução utilizada:

$$\begin{array}{c} \mathbf{D} \rightarrow \neg\mathbf{E} \\ \mathbf{E} \\ \hline \neg\mathbf{D} \end{array}$$

Dedução da forma IV:

$P \rightarrow Q$
$\neg Q$
$\neg P$
IV

Esse item está correto, pois a dedução utilizada tem a forma IV.

b) E

Proposições:

- **C: o réu roubou um carro.**
- **M: o réu roubou uma motocicleta.**

Premissa 1: **C** \vee **M**.

O réu roubou um carro ou roubou uma motocicleta.

Premissa 2: **C**.

O réu roubou um carro.

Conclusão: **\neg M**.

O réu não roubou uma motocicleta.

Forma de dedução utilizada:

$$\begin{array}{c} \mathbf{C} \vee \mathbf{M} \\ \mathbf{C} \\ \hline \neg\mathbf{M} \end{array}$$

Dedução da forma II:

$P \vee Q$
$\neg Q$
P
II

Esse item está errado, pois a dedução utilizada não tem a forma II.

c) C

Observe que, da 1.^a e da 3.^a premissas, pode-se deduzir outra:

3.^a premissa: **R** \rightarrow **P**.

1.ª premissa: $P \rightarrow Q$.

Se R implica P, e P implica Q, então R implica Q.

Dedução dessas premissas: $R \rightarrow Q$.

Assim, podemos substituir duas premissas do argumento por uma única:

$$P \rightarrow Q; \neg Q; R \rightarrow P \Rightarrow R \rightarrow Q; \neg Q.$$

Dessa forma, temos:

Forma de dedução utilizada:

$$\begin{array}{r} R \rightarrow Q \\ \neg Q \\ \hline \neg R \end{array}$$

Dedução da forma II:

$P \rightarrow Q$
$\neg Q$
$\neg P$
IV

Esse item está certo, pois a dedução utilizada tem a forma IV.

d) C

Premissa 2: $\neg P$.

Para que a premissa 2 seja verdadeira, necessariamente $\neg P$ deve ter valor verdadeiro. Portanto, P deve ser falso.

Premissa 1: $P \vee Q$.

Para que a premissa 1 seja verdadeira, pelo menos uma das proposições simples deve ser verdadeira. Mas, da premissa 2, tem-se que P deve ser falso. Assim, Q deve ser necessariamente verdadeira.

Conclusão: Q .

Portanto, a conclusão Q é necessariamente verdadeira, supondo que cada premissa seja verdadeira.

4. C

A premissa “quem não fuma economiza dinheiro” pode ser escrita como “todos os não fumantes economizam dinheiro”.

Logo: podemos relacionar o conjunto dos não fumantes com o conjunto dos que economizam dinheiro da seguinte maneira:



A premissa “nenhum vegetariano fuma” pode ser representada por:



Observe que, se nenhum vegetariano fuma, necessariamente o conjunto dos vegetarianos é subconjunto do conjunto dos não fumantes. Vamos agora analisar as alternativas:

a) quem fuma não economiza dinheiro.

Essa conclusão não é necessariamente verdadeira, pois pode ocorrer de algum fumante economizar dinheiro.

b) quem economiza dinheiro é vegetariano.

Essa conclusão não é necessariamente verdadeira, pois quem economiza dinheiro pode ou não ser vegetariano.

c) todo vegetariano economiza dinheiro.

Essa conclusão é necessariamente verdadeira.

d) nenhum vegetariano economiza dinheiro.

Essa conclusão é necessariamente falsa, pois todo vegetariano economiza dinheiro.

e) algum vegetariano não economiza dinheiro.

Essa conclusão é necessariamente falsa, pois todo vegetariano economiza dinheiro.

5. E

Sejam as proposições:

- P: Lauro sai cedo do trabalho.
- Q: Lauro janta com Lúcia.
- R: Lúcia come na manhã seguinte.

As premissas e a conclusão do argumento podem ser organizadas da seguinte maneira:

- Premissa 1: $P \rightarrow Q$.
- Premissa 2: $Q \rightarrow \sim R$.
- Premissa 3: R.

As premissas devem ser sempre verdadeiras. Vamos iniciar a análise da veracidade das premissas pela de número 3, pois é a única que está relacionada à uma proposição simples.

- A premissa 3 deve ser verdadeira, logo: R é verdadeira.
- A premissa 2 deve também ser verdadeira. Se, da premissa 3, R é verdadeira, então $\sim R$ deve ser falsa. Portanto, se $Q \rightarrow \sim R$ deve ser verdadeira, necessariamente Q deve ser falsa.
- Se Q deve ser falsa e a premissa 1 deve ser verdadeira, necessariamente P deve ser falsa.

Assim, tem-se:

- P: falsa.
- Q: falsa.
- R: verdadeira.

Entre as alternativas, procura-se a que é necessariamente verdadeira.
Analisando-as, tem-se:

a) Lúcia jantou na noite anterior.

Representação simbólica: Q.

Valor lógico: falsa.

b) Lúcia jantará esta noite.

Representação simbólica: ?

Valor lógico: ?

Essa conclusão não pode ser avaliada, pois só se pode verificar a veracidade do jantar de Lúcia em relação ao dia anterior ao dia que ela comeu pela manhã.

c) Lauro jantou na noite anterior.

Representação simbólica: Q.

Valor lógico: falsa.

d) Lauro saiu cedo do trabalho.

Representação simbólica: P.

Valor lógico: falsa.

e) Lauro não saiu cedo do trabalho.

Representação simbólica: $\sim P$.

Valor lógico: verdadeira.

6. A

Sejam as proposições:

■ M: Márcia é magra.

■ R: Renata é ruiva.

■ B: Beatriz é bailarina.

As premissas e a conclusão do argumento podem ser organizadas da seguinte maneira:

- Premissa 1: $\sim M \vee R$.
- Premissa 2: $B \vee \sim R$.
- Premissa 3: $\sim R \vee \sim B$.
- Premissa 4: $\sim B \rightarrow M$.

Todas as premissas são compostas e devem ser verdadeiras.

Podemos iniciar analisando as premissas de números 2 e 3. Em ambas ocorre uma conjunção (conectivo e) e a proposição $\sim R$. Além disso, as proposições contraditórias B e $\sim B$ estão presentes. Ora, B e $\sim B$ são proposições contraditórias, logo: certamente uma delas é falsa. Assim, para que as premissas 2 e 3 sejam verdadeiras, a proposição $\sim R$ deve ser necessariamente verdadeira. Se $\sim R$ é verdadeira, então R é falsa.

Na premissa 1, se R é falsa, necessariamente $\sim M$ deve ser verdadeira. Se $\sim M$ é verdadeira, então M deve ser falsa.

Na premissa 4, se M deve ser falsa, então $\sim B$ deve ser também falsa para que a premissa 4 seja verdadeira.

Assim, tem-se:

- M : falsa.
- R : falsa.
- B : verdadeira.

Logo: pode-se concluir que Márcia não é magra, Renata não é ruiva, Beatriz é bailarina.

7. E

Sejam as proposições:

- P : X está contido em Y .
- Q : X está contido em Z .
- R : X está contido em P .
- S : X está contido em T .

As premissas e a conclusão do argumento podem ser organizadas da seguinte maneira:

- Premissa 1: $P \rightarrow Q$.
- Premissa 2: $R \rightarrow S$.
- Premissa 3: $\sim P \rightarrow R$.
- Premissa 4: $\sim S$.

A premissa 4 é verdadeira, logo: $\sim S$ é verdadeira.

Se $\sim S$ é verdadeira, então S é falsa.

Na premissa 2, se S é falsa, para que a premissa 2 seja verdadeira, necessariamente R deve ser falsa.

Na premissa 3, se R é falsa, então $\sim P$ deve ser também falsa.

Se $\sim P$ é falsa, então P deve ser verdadeira.

Na premissa 1, se P é verdadeira, então Q deve ser verdadeira. Logo: tem-se:

- P : X está contido em Y (verdadeira).
- Q : X está contido em Z (verdadeira).
- R : X está contido em P (falsa).
- S : X está contido em T (falsa).

Vamos analisar as alternativas:

- a) Z está contido em T e Y está contido em X .

Representação simbólica: ?

Valor lógico: ?

De acordo com as premissas apresentadas, não é possível se afirmar que relação existe entre os conjuntos Z e T , e se o conjunto Y está ou não contido em X .

- b) X está contido em Y e X não está contido em Z .

Representação simbólica: $P \wedge \sim Q$.

Valor lógico: falsa.

A proposição P é verdadeira e $\sim Q$ é falsa. Logo: a conjunção $P \wedge \sim Q$ é falsa.

c) X está contido em Z e X não está contido em Y.

Representação simbólica: $Q \wedge \sim P$.

Valor lógico: falsa.

A proposição Q é verdadeira e $\sim P$ é falsa. Assim, a conjunção $Q \wedge \sim P$ é falsa.

d) Y está contido em T e X está contido em Z.

Representação simbólica: ?

Valor lógico: ?

De acordo com as premissas apresentadas, não é possível se afirmar que relação existe entre os conjuntos Y e T.

e) X não está contido em P e X está contido em Y.

Representação simbólica: $\sim R \wedge P$.

Valor lógico: verdadeira.

A proposição $\sim R$ é verdadeira e a proposição P também é verdadeira. Logo: a conjunção $\sim R \wedge P$ é necessariamente verdadeira.

8. B

Sejam as proposições:

- A: Ana é artista.
- C: Carlos é compositor.
- M: Mauro gosta de música.
- F: Flávia é fotógrafa.
- D: Daniela fuma.

As premissas e a conclusão do argumento podem ser organizadas da seguinte maneira:

- Premissa 1: $A \vee C$.
- Premissa 2: $M \rightarrow \sim F$.
- Premissa 3: $\sim F \rightarrow \sim C$.
- Premissa 4: $\sim A \wedge \sim D$.

Vamos iniciar a análise das premissas pela premissa de número 4. A premissa 4 contém uma conjunção (conectivo e). Se a premissa 4 é verdadeira, necessariamente ambas as proposições simples componentes devem ser verdadeiras, ou seja, $\sim A$ deve ser verdadeira e $\sim D$ também deve ser verdadeira. Logo: A deve ser falsa e D deve ser falsa.

Na premissa 1, se A é falsa, para que a premissa 1 seja verdadeira, necessariamente a proposição C deve ser verdadeira. Assim, se C é verdadeira, então $\sim C$ é falsa.

Na premissa 3, se $\sim C$ é falsa, então necessariamente $\sim F$ deve ser falsa. Na premissa 2, se $\sim F$ é falsa, então M também deve ser falsa. Portanto, tem-se:

- A: Ana é artista (falsa).
- C: Carlos é compositor (verdadeira).
- M: Mauro gosta de música (falsa).
- F: Flávia é fotógrafa (verdadeira).
- D: Daniela fuma (falsa).

Analisando as alternativas, temos:

- a) Ana não é artista e Carlos não é compositor.

Representação simbólica: $\sim A \wedge \sim C$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $\sim A \wedge \sim C$ é falsa, pois $\sim C$ é falsa.

- b) Carlos é compositor e Flávia é fotógrafa.

Representação simbólica: $C \wedge F$.

Valor lógico: verdadeira.

A proposição composta $C \wedge F$ é verdadeira, pois tanto C quanto F são verdadeiras.

- c) Mauro gosta de música e Daniela não fuma.

Representação simbólica: $M \wedge \sim D$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $M \wedge \sim D$ é falsa, pois M é falsa.

- d) Ana não é artista e Mauro gosta de música.

Representação simbólica: $\sim A \wedge M$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $\sim A \wedge M$ é falsa, pois M é falsa.

- e) Mauro não gosta de música e Flávia não é fotógrafa.

Representação simbólica: $\sim M \wedge \sim F$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $\sim M \wedge \sim F$ é falsa, pois $\sim F$ é falsa.

9. E

Sejam as proposições:

- A: Ana é prima de Bia.
- C: Carlos é filho de Pedro.
- J: Jorge é irmão de Maria.
- B: Breno é neto de Beto.

As premissas e a conclusão do argumento podem ser organizadas da seguinte maneira:

- Premissa 1: $A \vee C$.
- Premissa 2: $J \rightarrow \sim B$.
- Premissa 3: $C \rightarrow B$.
- Premissa 4: J.

Vamos iniciar analisando a premissa 4, pois é a única proposição simples presente entre as premissas. A proposição J deve ser verdadeira, pois é uma premissa. Na premissa 2, se J é verdadeira, para que a premissa 2 seja verdadeira, necessariamente $\sim B$ também deve ser verdadeira. Se $\sim B$ deve ser verdadeira, então B deve ser falsa. Na premissa 3, se B deve ser falsa, então C deve ser também falsa. Na premissa 1, se C é falsa, para que a premissa 1 seja verdadeira, é necessário que A seja verdadeira. Assim, tem-se:

- A: Ana é prima de Bia (verdadeira).
- C: Carlos é filho de Pedro (falsa).
- J: Jorge é irmão de Maria (verdadeira).
- B: Breno é neto de Beto (falsa).

Analisando as alternativas, temos:

- a) Carlos é filho de Pedro ou Breno é neto de Beto.

Representação simbólica: $C \vee B$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $C \vee B$ é falsa, pois ambas as proposições simples componentes são falsas.

- b) Breno é neto de Beto e Ana é prima de Bia.

Representação simbólica: $B \wedge A$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $B \wedge A$ é falsa, pois B é falsa.

- c) Ana não é prima de Bia e Carlos é filho de Pedro.

Representação simbólica: $\sim A \wedge C$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $\sim A \wedge C$ é falsa, pois ambas as proposições simples componentes são falsas.

d) Jorge é irmão de Maria e Breno é neto de Beto.

Representação simbólica: $J \wedge B$.

Valor lógico: falsa.

A proposição composta $J \wedge B$ é falsa, pois B é falsa.

e) Ana é prima de Bia e Carlos não é filho de Pedro.

Representação simbólica: $A \wedge \sim C$.

Valor lógico: verdadeira.

A proposição composta $A \wedge \sim C$ é verdadeira, pois ambas as proposições simples componentes são verdadeiras.

10. C

Sejam as proposições:

- H: Homero é honesto.
- J: Júlio é justo.
- B: Beto é bondoso.

As premissas e a conclusão do argumento podem ser organizadas da seguinte maneira:

- Premissa 1: $\sim H \vee J$.
- Premissa 2: $H \vee J \vee B$.
- Premissa 3: $B \vee \sim J$.
- Premissa 4: $\sim B \vee H$.

A premissa 4, $\sim B \vee H$ pode ser reescrita, de forma equivalente, da seguinte maneira: $B \rightarrow H$, pois as proposições " $p \rightarrow q$ " e " $\sim p \vee q$ " são equivalentes. Da mesma forma, são equivalentes " $\sim H \vee J$ " e " $H \rightarrow J$ ", e " $B \vee \sim J$ " e " $\sim B \rightarrow \sim J$ ". Assim, podemos reescrever as premissas da seguinte maneira:

- Premissa 1: $H \rightarrow J$.

- Premissa 2: $H \vee J \vee B$.
- Premissa 3: $\sim B \rightarrow \sim J$.
- Premissa 4: $B \rightarrow H$.

Da lógica proposicional, temos que “ $p \rightarrow q$ ” é equivalente a “ $\sim q \rightarrow \sim p$ ”, que é a proposição contrapositiva correspondente. Assim, a premissa 3, $\sim B \rightarrow \sim J$, pode ser reescrita como “ $J \rightarrow B$ ”. Logo: as premissas são:

- Premissa 1: $H \rightarrow J$.
- Premissa 2: $H \vee J \vee B$.
- Premissa 3: $J \rightarrow B$.
- Premissa 4: $B \rightarrow H$.

Observe que, das premissas 1 e 3, podemos deduzir:

$$H \rightarrow J \text{ e } J \rightarrow B \Rightarrow H \rightarrow B.$$

Assim, da dedução “ $H \rightarrow B$ ” e, da premissa 4, “ $B \rightarrow H$ ” pode-se deduzir “ $H \leftrightarrow B$ ”. Logo: se $H \leftrightarrow B$ é verdadeira, então H e B têm o mesmo valor lógico. Entretanto, se H e B fossem ambas falsas, pela premissa 3, $\sim B \rightarrow \sim J$, teríamos $\sim J$ verdadeira e, conseqüentemente, J seria falsa. Nessa situação (H, J e B falsas), a premissa 2 ($H \vee J \vee B$) seria falsa. Isso não pode ocorrer. Dessa forma, H e B são ambas verdadeiras e, assim, pela premissa 3 ($J \rightarrow B$) conclui-se que J também é verdadeira.

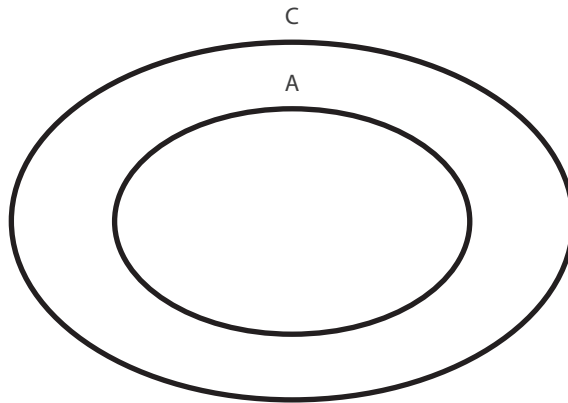
Portanto, temos:

- H: Homero é honesto (verdadeira).
- J: Júlio é justo (verdadeira).
- B: Beto é bondoso (verdadeira).

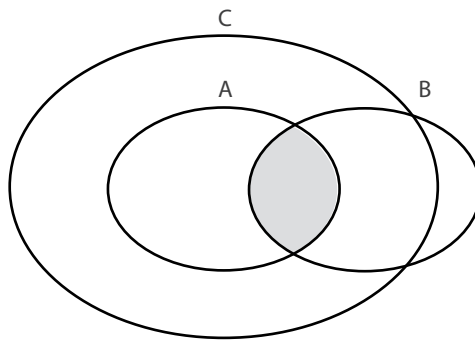
Logo: Beto é bondoso, Homero é honesto, Júlio é justo.

11.E

Da premissa “todo A é C”, podemos representar os conjuntos A e C da seguinte maneira:



Se algum **A** é **B**, então:



Pelos diagramas, é necessariamente verdadeiro que algum B é C, pois o conjunto B tem pelo menos um elemento comum com o conjunto C.

12. A

Considere as proposições:

- A: Anão foge do tigre.
- T: Tigre é feroz.
- R: Rei fica no castelo.
- S: rainha briga com o rei.

O argumento tem a forma:

$A \rightarrow T; T \rightarrow R, R \rightarrow S, \sim S \mid\text{---} C$, em que C é a conclusão.

Se $\sim S$ é verdadeira, então S é falsa. Se S é falsa, então R deve ser falsa para que $R \rightarrow S$ seja verdadeira. Se R é falsa, então T deve ser falsa para que $T \rightarrow R$ seja verdadeira. Se T é falsa, então A deve ser falsa para que $A \rightarrow T$ seja verdadeira. Portanto:

- A: Anão foge do tigre (falsa).
- T: Tigre é feroz (falsa).
- R: Rei fica no castelo (falsa).
- S: rainha briga com o rei (falsa).

Logo: a única alternativa que contém uma proposição necessariamente verdadeira é “o rei não fica no castelo e o anão não foge do tigre”.

13. E

Considere as proposições:

- S: surfar.
- E: estudar.
- F: fumar.
- V: velejar.

O argumento tem a forma:

$S \vee E, F \vee \sim S, V \vee \sim E, \sim V \mid\text{---} C$, em que C é a conclusão.

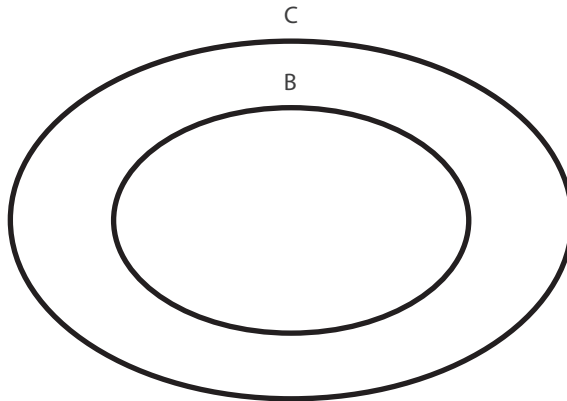
Se $\sim V$ é verdadeira, então V é falsa. Se V é falsa, então $\sim E$ deve ser verdadeira para que $V \vee \sim E$ seja verdadeira. Se $\sim E$ é verdadeira, então E é falsa. Se E é falsa, então S deve ser verdadeira para que $S \vee E$ seja verdadeira. Se S é verdadeira, então $\sim S$ é falsa. Se $\sim S$ é falsa, então F deve ser verdadeira para que $F \vee \sim S$ seja verdadeira. Portanto:

- S: surfar (verdadeira).
- E: estudar (falsa).
- F: fumar (verdadeira).
- V: velejar (falsa).

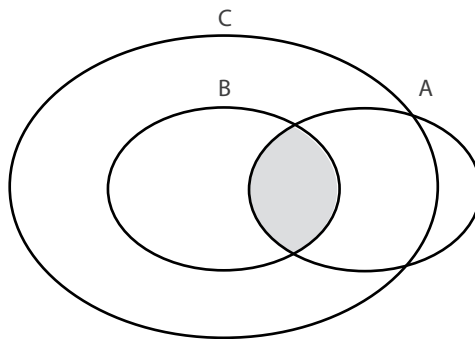
Assim, a única proposição necessariamente verdadeira é “fumo e surfo”.

14. C

Da premissa “todo B é C”, pode-se construir a seguinte ilustração:



Se pelo menos um A é B, então o conjunto A tem pelo menos um elemento em comum com B. Logo:



Portanto, pode-se garantir que algum A é C.

15. A

Sejam as proposições:

- L: ler.
- C: compreender.
- J: jogar.
- D: desistir.
- F: ser feriado.

Premissa 1: Se não leio, não compreendo.

Representação simbólica: $\sim L \rightarrow \sim C$.

Premissa 2: Se jogo, não leio.

Representação simbólica: $J \rightarrow \sim L$.

Premissa 3: Se não desisto, compreendo.

Representação simbólica: $\sim D \rightarrow C$.

Premissa 4: Se é feriado, não desisto.

Representação simbólica: $F \rightarrow \sim D$.

Representação simbólica do argumento:

$(\sim L \rightarrow \sim C), (J \rightarrow \sim L), (\sim D \rightarrow C), (F \rightarrow \sim D) \vdash U$, em que U é conclusão.

O argumento não apresenta uma proposição simples de modo que possamos iniciar a análise. Nesse argumento vamos utilizar dois fatos importantes:

1.º fato importante:

Uma proposição condicional e sua correspondente proposição contrapositiva são logicamente equivalentes, ou seja:

$$p \rightarrow q \equiv \sim q \rightarrow \sim p.$$

2.º fato importante:

É válida a propriedade transitiva em implicações lógicas, ou seja:

$$\text{Se } p \rightarrow q \text{ e } q \rightarrow r, \text{ então } p \rightarrow r.$$

Essa propriedade é válida para qualquer número de transições. Por exemplo:

$$\text{Se } (a \rightarrow b) \text{ e } (b \rightarrow c) \text{ e } (c \rightarrow d) \text{ e } (d \rightarrow e), \text{ então } (a \rightarrow e).$$

Voltando ao argumento, vamos realizar algumas modificações, sem alterar o valor lógico das premissas:

$$(\sim L \rightarrow \sim C), (J \rightarrow \sim L), (\sim D \rightarrow C), (F \rightarrow \sim D) \vdash U.$$

Primeiro, vamos trocar a posição das duas primeiras premissas:

$$(J \rightarrow \sim L), (\sim L \rightarrow \sim C), (\sim D \rightarrow C), (F \rightarrow \sim D) \vdash U.$$

Depois, vamos substituir a 3.^a e 4.^a premissas pelas contrapositivas correspondentes:

$$(J \rightarrow \sim L), (\sim L \rightarrow \sim C), (\sim C \rightarrow D), (D \rightarrow \sim F) \vdash U.$$

Observe atentamente o argumento e certifique que as quatro primeiras premissas formam uma sequência transitiva:

$$(J \rightarrow \sim L), (\sim L \rightarrow \sim C), (\sim C \rightarrow D), (D \rightarrow \sim F).$$

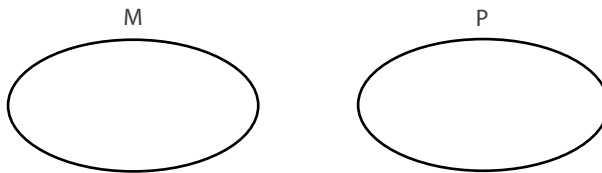
Pela propriedade transitiva, podemos concluir que a primeira proposição implica a última, ou seja:

$$J \rightarrow \sim F.$$

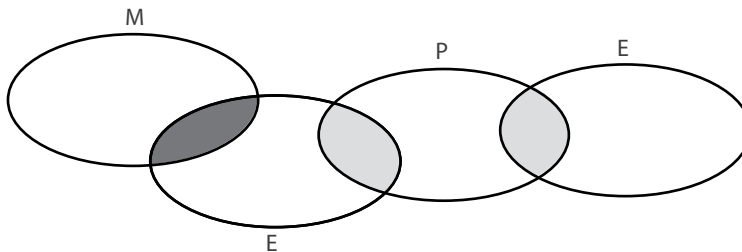
Portanto, “se jogo, não é feriado” é conclusão do argumento.

16. D

Da premissa “nenhum músico é poeta” podemos construir diagramas relacionando o conjunto dos músicos (M) e o conjunto dos poetas (P), de modo que não há elemento comum aos dois conjuntos:



Da premissa “alguns escritores são poetas”, podemos inserir o conjunto dos escritores (E) no contexto:



Pelos diagramas, duas possibilidades foram consideradas. Mesmo que alguns escritores sejam poetas, é possível que alguns escritores sejam músicos ou que nenhum escritor seja músico. Independentemente da possibilidade considerada, é necessariamente verdadeiro que algum escritor não é músico.

17.B

Se a 1.^a premissa, “ $X > Q$ e $Z < Y$ ”, é verdadeira, então ambas as proposições são verdadeiras, ou seja, “ $X > Q$ ” é verdadeira e “ $Z < Y$ ” é verdadeira. Na 2.^a premissa, “ $X > Y$ e $Q > Y$, se e somente se $Y > Z$ ”, como “ $Y > Z$ ” é verdadeira (de acordo com a 1.^a premissa) então “ $X > Y$ e $Q > Y$ ” deve ser também verdadeira. Assim, até o momento são verdadeiras as seguintes proposições:

- $X > Q$.
- $Z < Y$.
- $X > Y$.
- $Q > Y$.

Mas, se essas proposições são verdadeiras, podemos ordenar os valores de acordo com as seguintes desigualdades:

$$X > Q > Y > Z.$$

A última premissa, “ $R \neq Q$, se e somente se $Y = X$ ”, deve ser verdadeira. Assim, as proposições “ $R \neq Q$ ” e “ $Y = X$ ” devem ser ambas verdadeiras ou ambas falsas. Mas “ $Y = X$ ” é falsa, pois “ $X > Y$ ” é verdadeira. Assim, “ $R \neq Q$ ” deve ser necessariamente falsa e, portanto, deve ser verdadeiro que $R = Q$. Logo: na disposição dos valores, temos:

$$X > R = Q > Y > Z.$$

Logo: $X > R > Y > Z$.

18.B

Da premissa 2, conclui-se que “ X não está contido em P ”. Se é verdadeiro que “ X não está contido em P ”, então é falso que “ X está contido em P ”. Na premissa 1, se é falso que “ X está contido em P ”, então para que a premissa 1 seja verdadeira, é necessário que “ X esteja contido em Y e X esteja contido em Z ”. Logo: “ X esteja contido em Z ” é uma proposição necessariamente verdadeira.

19. A

Se é verdadeiro que $B = D$, então é verdadeiro que $A = D$. Mas, se $B = D$ e $A = D$, então $A = B$. Logo: se $A = B$ é verdadeiro, então $B = C$ é falso, ou seja, é verdadeiro que $B \neq C$.

20.

O argumento tem a forma:

$$J \rightarrow P, L \rightarrow H, H \rightarrow \sim P \mid\text{---} L \rightarrow \sim J,$$

em que J, P, L e H identificam, respectivamente, a Justiça, a Perfeição, a Lei e a Humanidade.

1. C

A proposição " $L \rightarrow H$ " é uma premissa.

2. C

A proposição " $L \rightarrow \sim J$ " é a conclusão.

3. C

A primeira premissa, $J \rightarrow P$, pode ser reescrita de modo equivalente utilizando a proposição condicional contrapositiva na forma $\sim P \rightarrow \sim J$. Assim, o argumento poderia ser escrito da seguinte maneira:

$$\sim P \rightarrow \sim J, L \rightarrow H, H \rightarrow \sim P \mid\text{---} L \rightarrow \sim J.$$

Sem alterar a validade do argumento, podemos trocar a ordem das 3 premissas:

$$L \rightarrow H, H \rightarrow \sim P, \sim P \rightarrow \sim J \mid\text{---} L \rightarrow \sim J.$$

Pela propriedade transitiva, se L implica H, e se H implica $\sim P$, e se $\sim P$ implica $\sim J$, então necessariamente, L implica $\sim J$. Logo: a conclusão é necessariamente verdadeira.

21.

1. C

Sejam:

- P: existem tantos números racionais quantos números irracionais.
- Q: o conjunto dos números irracionais é infinito.

A proposição “ $P \rightarrow Q$ ” pode ser expressa por “se existem tantos números racionais quanto números irracionais, então o conjunto dos números irracionais é infinito”. A proposição “Q” pode ser expressa por “o conjunto dos números irracionais é infinito”. A proposição “P” pode ser expressa por “existem tantos números racionais quantos números irracionais”.

Assim, o argumento tem a forma:

$$P \rightarrow Q, Q \mid\text{---} P.$$

Logo: a forma do argumento está correta.

2. E

Sejam as proposições:

- P: lógica é fácil.
- Q: Sócrates foi mico de circo.

O argumento tem a forma:

$$P \rightarrow Q, \sim P \mid\text{---} \sim Q.$$

Se a premissa $\sim P$ é verdadeira, então P é falsa. Na premissa, $P \rightarrow Q$, se P é falsa, Q pode ser verdadeira ou falsa. Isso ocorre porque uma proposição condicional da forma “ $P \rightarrow Q$ ” é verdadeira se “P” é falsa, independentemente do valor de “Q”. Assim, a conclusão $\sim Q$ não é necessariamente verdadeira e, portanto, a argumentação é inválida.

22. A

Argumento I:

Se a premissa “a” é verdadeira, então necessariamente “b” deve ser verdadeira para que a 2.^a premissa seja verdadeira. Logo: a conclusão é verdadeira e o argumento é legítimo.

Argumento II:

Se a premissa “ $\sim a$ ” é verdadeira, a proposição “ b ” pode ou não ser verdadeira para que a 2.^a premissa seja verdadeira. Logo: da mesma forma, “ $\sim b$ ” pode ou não ser verdadeira. Assim, a conclusão não é necessariamente verdadeira e, portanto, o argumento é ilegítimo.

Argumento III:

Se a premissa “ $\sim b$ ” é verdadeira, então necessariamente “ b ” deve ser falsa. Assim, para que a 2.^a premissa seja verdadeira, a proposição “ a ” deve ser falsa. Portanto, “ $\sim a$ ” deve ser verdadeira. Dessa forma, a conclusão é verdadeira e o argumento é legítimo.

Argumento IV:

Se a premissa “ b ” é verdadeira, a proposição “ a ” pode ou não ser verdadeira para que a 2.^a premissa seja verdadeira. Ou seja, a conclusão não é necessariamente verdadeira e, portanto, o argumento é ilegítimo.

23. B

Sejam as proposições:

- p: a temperatura está abaixo de 5°C.
- q: há neveiro.
- r: os aviões decolam.

O argumento pode ser estruturado da seguinte maneira:

$$p \rightarrow q, q \rightarrow \sim r \mid\text{---} C, \text{ em que } C \text{ é a conclusão.}$$

Para reduzir o argumento e, conseqüentemente, facilitar a análise da sua validade ou não, podemos utilizar uma propriedade transitiva.

Dadas as proposições A, B e C, a propriedade transitiva afirma que:

Se A implica B e, se B implica C, então A implica C.

Uma propriedade transitiva é sempre verdadeira.

Em símbolos, temos:

$$(A \rightarrow B) \text{ e } (B \rightarrow C) \Rightarrow (A \rightarrow C).$$

Dessa forma, utilizando a propriedade transitiva a partir das duas premissas, podemos escrever:

$$(p \rightarrow q) \wedge (q \rightarrow \sim r) \Rightarrow (p \rightarrow \sim r).$$

Logo: pode-se deduzir que “se a temperatura está abaixo de 5°C, então os aviões não decolam”. Essa conclusão não consta nas alternativas, mas poderia ser conclusão do argumento válido. Por outro lado, da premissa “ $p \rightarrow q$ ”, pode-se também deduzir a proposição contrapositiva equivalente cuja forma é “ $\sim q \rightarrow \sim p$ ”.

$p \rightarrow q$: se a temperatura está abaixo de 5°C, então há nevoeiro.

$\sim q \rightarrow \sim p$: se não há nevoeiro, então a temperatura está igual ou acima de 5°C.

Dessa forma, pode-se deduzir a proposição que consta na alternativa b.

24. C

Sejam as proposições:

- p : todos os nossos atos têm causa.
- q : há atos livres.

O argumento pode ser estruturado da seguinte maneira:

$$p \rightarrow \sim q, \sim q \rightarrow p \mid\text{---} C, \text{ em que } C \text{ é a conclusão.}$$

Em qualquer argumento, as premissas devem ser consideradas verdadeiras. Se as premissas devem ser verdadeiras, necessariamente deve ser verdadeiro que “ $p \rightarrow \sim q$ ” (condicional) e também que “ $\sim q \rightarrow p$ ” (recíproca). Quando uma proposição condicional é verdadeira e a sua correspondente recíproca é verdadeira, dizemos que a proposição bicondicional é verdadeira. Para esclarecer melhor, observe a tabela verdade:

p	q	$p \rightarrow q$	$q \rightarrow p$	$(p \rightarrow q) \wedge (q \rightarrow p)$	$p \leftrightarrow q$
V	V	V	V	V	V
V	F	F	V	F	F
F	V	V	F	F	F
F	F	V	V	V	V

Nessa tabela é possível verificar que a proposição " $(p \rightarrow q) \wedge (q \rightarrow p)$ " é equivalente à proposição " $p \leftrightarrow q$ ", pois os valores lógicos são idênticos (duas últimas colunas). Logo: se " $p \rightarrow \sim q$ " e " $\sim q \rightarrow p$ " são ambas verdadeiras, deve ser verdadeira a proposição bicondicional que tem a forma " $p \leftrightarrow \sim q$ ". Assim, a conclusão pode conter "todos os nossos atos têm causa se e somente se não há atos livres".

